

Kelvy se tornou campeão paulista de boxe treinando na Comunidade do Moinho

Por meio de uma iniciativa realizada pelo projeto Boxe Autônomo, o menino descobriu uma de suas paixões



Foto: Monique Caroline

Foi dentro da comunidade do Moinho, localizada no centro de São Paulo, que Kelvy Alecrim Trindade, 13, descobriu uma de suas grandes paixões: o boxe. Hoje, com o título de campeão paulista de boxe na categoria infantil, ele relembra o dia de seu primeiro treino, e como se encontrou nesse esporte: “Eu tinha chegado aqui no Moinho há uns 3 meses, meus amigos vieram me chamar porque estava tendo boxe lá no cinema, eu fui lá ver e Piva começou a puxar a *manopla* comigo, todo sábado tinha, eu gostei e comecei a ir”.

A história do boxe no mundo é antiga, conta com registros da primeira atividade no Egito, por volta de 3000 a.C e continuou evoluindo ao longo dos anos até que, em 688 a.C., tornou-se uma modalidade olímpica a partir da edição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade em Olímpia, na Grécia. Desta forma, os gregos criaram regras pioneiras, mas foram os britânicos que tornaram o esporte mais moderno nos séculos XVIII e XIX, quando o boxe começou a ficar popular como combate de rua.

Até o início do século XX, a modalidade era praticamente desconhecida no Brasil. Os poucos praticantes existentes na época eram imigrantes alemães e italianos e a primeira luta aconteceu em 1913, na cidade de São Paulo, entre um ex-boxeador profissional e o

atleta Luis Sucupira, conhecido como o Apolo Brasileiro. Em 1922 o Brasil teve seu primeiro pugilista a ganhar destaque. Benedito dos Santos, conhecido como Ditão, começou a treinar boxe em uma academia de SP e era conhecido não apenas por seu grande porte como boxeador, mas também por seu enorme talento. Como um atleta negro, Ditão inspirou e encorajou outros negros no esporte começando a difundir uma ideia de inclusão.

Recém-chegado de Presidente Prudente, na Bahia, junto com a mãe Quedima Matos, o padrasto Robenilton Rosa dos Santos e a irmã mais nova, Keurry Alecrim, Kelvy já havia tido seu primeiro contato com o esporte por meio da capoeira, uma das paixões de sua mãe. Apesar praticar bastante na Bahia, ele se encontrou mesmo foi no boxe, e começou a treinar na própria comunidade, por uma iniciativa realizada pelo projeto Boxe Autônomo.

Kelvy diz que o apoio da família foi fundamental para persistir em seu sonho, ele nunca ouviu mensagens negativas, só de motivação. Desde o começo ele teve o apoio do padrasto Robenilton, mas conta que sua irmã Keurry, 10, e sua mãe Quedima, 27, ficaram apreensivas quando ele disse sua vontade de se tornar boxeador. “Elas ficaram com medo de eu me machucar”. Depois de assistir os treinos elas acharam a prática esportiva muito boa, e sua irmã, com quem ele brigava muito, até o acompanha nos treinos.

Além da melhora no relacionamento com a irmã, Kelvy diz que o boxe é uma superação diária que vem lhe ajudando com outras coisas “Antes eu tinha vergonha de falar um A, não queria dar entrevista e nem nada, agora tá mais ou menos”, conta, dando risadas.

Kelvy treina desde que chegou na comunidade do Moinho, há dois anos. Atualmente, os treinos acontecem na Casa do Povo de segunda e quarta-feira, das 19h30 até às 21h, nos quais ele vai de bicicleta. Além da companhia da irmã, ele também vai com Samuel, 8, seu amigo de treino e vizinho na comunidade.

Apesar de muito tímido, Kelvy consegue se soltar quando relembra com carinho o dia que foi campeão: “Todo mundo ficou muito alegre, antes da luta eu estava muito ansioso e não conseguia ficar quieto [...] Me senti aliviado quando ganhei e o homem falou meu nome. ” Foi o primeiro campeonato que ele participou, vencendo um outro garoto de Rio Claro, que já treinava há 6 anos.

Com o incentivo de seus treinadores do Boxe Autônomo, Kelvy deseja continuar competindo e já está ansioso com o próximo Campeonato Paulista, no qual provavelmente ele estará categoria de 44 quilos, e não mais nos 42. Ele fala de sua boa relação com os

treinadores que o inscrevem nos campeonatos e auxiliam no que fazer. “Eles me ajudam muito, fazem parte da minha família. Minha família do boxe”, conta.

Santos Saúl Álvarez Barragán, mais conhecido como "Canelo", é uma das inspirações de Kelvy no boxe. O pugilista mexicano de apenas 28 anos, já soma mais de 52 vitórias em sua carreira, é considerado por muitos uma “lenda” assim como Julio César Chávez e Ricardo López. No Brasil, a década de 1950 foi marcada pelo crescimento popular do boxe e por revelar grandes boxeadores. Entre eles, Kaled Curi, Luisão, Ralf Zumbano e o grande Éder Jofre, o maior boxeador da história do boxe brasileiro.

Anos mais tarde, Adilson Maguila Rodrigues se tornou campeão sul-americano em 1989 e ficou em segundo lugar no ranking do Conselho Mundial de Boxe (CMB). No final dos anos noventa, surgiu uma nova promessa do boxe brasileiro: Acelino de Freitas, conhecido como o Popó, que foi campeão mundial em 1999 pela Organização Mundial de Boxe (OMB). Atualmente, Anderson da Silva, o “Spider” é um dos lutadores - de diversas artes marciais - mais conhecidos do Brasil.

Quedima, mãe de Kelvy, diz que no início não aprovou o filho no esporte por ela ser mais apaixonada pela capoeira, além de pensar que o boxe era muito violento: “Ele iria apanhar e chegar com a cara machucada”. Depois percebeu como o esporte só estava fazendo bem para o filho. “Ele ficava muito na rua, então só de tirar ele de lá estava ótimo. Ele teve muito esforço e quando eu vi que ele se apaixonou pelo boxe, eu aprovei”, ressalta.

A mãe se emociona ao lembrar do dia que seu filho foi campeão. Ela não conseguiu assistir a luta pessoalmente com medo de Kelvy ser nocauteado. “Fiquei com medo da minha reação, se ele levasse um murro e iria querer ir lá ajudar”, conta. Quedima ficou tomando conta dos afazeres de casa enquanto o coração e os pensamentos estavam no Centro Olímpico, onde o campeonato estava acontecendo. “Depois que meu marido me ligou e disse: “ele ganhou”, foi uma emoção muito grande”, relembra, com carinho.

Quando veio da Bahia, ela não imaginava que o esporte traria tantas mudanças positivas para sua família, e sente muita gratidão pelas coisas que aconteceram na vida do filho graças ao envolvimento com o projeto “Ele mudou bastante, ficou uma pessoa muito melhor depois que o boxe entrou na vida dele, só tenho que agradecer a todos do Boxe Autônomo”, conta. Ela também comenta da relação que o filho tem com cada um do projeto: “Breno é o que dá o puxão de orelha quando precisa, principalmente quando ele apronta na escola, Guilherme é o brincalhão e Piva é o que corre atrás de tudo [...] É uma família pra ele”, enfatiza.

Ao falar da importância de projetos como o Boxe Autônomo dentro das periferias - lugar com maior necessidade de iniciativas - ela lembra de uma conversa que teve com o filho, e seus olhos brilham ao dizer a gratidão que sente por ser mãe de um garoto como Kelvy, que soube tirar bons proveitos do esporte, enchendo a família de orgulho:

- “Mãe, se por acaso vir uma pessoa para querer que eu vou lutar lá fora... a senhora deixa?
 - Ô meu filho, eu não quero que você fique longe de mamãe não...
 - “Mas mãe, é o meu futuro, e eu vou trazer um futuro para a senhora! ”

Quedima lembra desse diálogo com muito apreço. “É emocionante um menino de 13 anos já pensar no meu futuro. No começo ele falava que ia “brincar” com o boxe, hoje em dia ele se apaixonou por isso”, conta. Depois de passar um filme pela cabeça da mãe, ela repete para si mesma. “Meu filho vai ser um boxeador, eu tenho certeza”, expressa.

Amigo de Kelvy e também participante do projeto, Paulo Henrique, 23, diz que a maioria dos moradores acharam interessante a iniciativa dentro da comunidade. “Ao invés de ver a criança ou o adolescente fazendo alguma coisa errada eles estavam aprendendo algo para o futuro”, enfatiza.

Atualmente, Paulo está afastado dos treinos por problemas familiares, mas pretende voltar o quanto antes. Ele já competiu praticando muay thai e MMA, e quer competir com o boxe também, ele ressalta como todos esses esportes mudaram bastante sua vida: “Quando eu conheci o boxe e as outras artes marciais, eu adorei! Pois a gente preenche um pouco do vazio. Desde que comecei a treinar eu me sinto melhor, corro atrás e não quero deixar as coisas pela metade, além de todo o incentivo dos professores. ”, conta.

Assim como aconteceu com Kelvy, a preocupação veio primeiro, e o apoio logo em seguida: “Minha família não me apoiava, mas quando viram que eu estava correndo atrás e cheguei até a competir, eles viram meu sorriso, então me apoiaram, e também elogiaram o projeto social, falando que devia ter mais! [...] Sempre quando tem (projetos assim) é uma maravilha, se fosse possível deveria ter mais, principalmente dentro da comunidade”, ressalta.

Uma das poucas favelas ainda existentes no centro de São Paulo, a comunidade localizada sob o viaduto Engenheiro Orlando Murgel vive sob ameaças de remoção da prefeitura há mais de quatro gestões. Localizada entre os trilhos, perto das estações Marechal Deodoro ou Júlio Prestes, a ocupação surgiu no começo dos anos 1990. A

permanência da comunidade é marcada por suas trajetórias de violência policial, incêndios, falta de pavimentação e outros direitos como água encanada e saneamento básico. Mas acima de tudo, é marcada pela omissão do poder público.

Apesar da diferença de idade - 9 anos - Paulo levou um “coro” do menino no treino. “Estávamos no treino e os professores foram ver se o andar debaixo estava livre para o treino. Então eu entrei dentro do ringue e falei: agora é eu e você!”. Eu nunca tinha tirado *Sparring* - simulação de luta entre pugilistas - com ele... fui brincar, mas não teve como”, Paulo caiu na gargalhada ao continuar contando, “Ele me tonteou com um murro no queixo e eu percebi que não dava para brincar devido o grau de evolução dele”, lembra.

Surgimento do Boxe Autônomo

A superação diária de Kelvy rumo a seu sonho só foi possível por conta do caráter inclusivo que o projeto social Boxe Autônomo desenvolve na comunidade que ele mora, Piva, um dos organizadores, conta como foi o surgimento do projeto, e o que eles alcançaram desde então.

Idealizado por Raphael Piva, 32, Breno Macedo, 30, e Guilherme Miranda, 29, o Box Autônomo surgiu em meados de 2015. Foi uma iniciativa que começou na ocupação habitacional Leila Khaled, localizada em um edifício próximo ao bairro da Liberdade. Na época, não só muitas famílias menos favorecidas vieram de todos os lados de São Paulo em busca de moradia, mas muitos imigrantes fugindo da Guerra da Síria (2011 -). Piva conta que houve uma mobilização para promoverem atividades no prédio, desde aulas de português para estrangeiros, eventos que discutiam os problemas de moradia e até mesmo sobre a Guerra da Síria, entre outros.

Nesse contexto, tiveram a ideia de levar um pouco de esporte para o local. Mesmo sem um nome, nascia aí o boxe autônomo. “Foi uma coisa muito espontânea, não sabíamos muito aonde ia chegar” [...] Era mais como uma atividade da ocupação, que ajudava ou trazia alguma visibilidade”, conta.

Depois de um tempo, e com a adesão principal de pessoas externas, o boxe autônomo saiu da ocupação e decidiu ocupar espaços públicos, partindo para oficinas nas ruas como na ocupação Mauá e na praça Roosevelt. Dois anos depois, aconteceu uma ação policial na favela do Moinho que culminou no assassinato do morador Leandro de Souza Santos, 18. Com as ameaças e o clima tenso no ambiente, o boxe autônomo se instaurou no

local enfatizando a ideia e desejo principal dos moradores de mostrar que na favela não existe apenas criminalidade. E foi neste ano, em 2017, que eles conheceram o Kelvy.

De acordo com o levantamento realizado pelo Monitor da Violência (parceria do G1 com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública), o número de pessoas mortas em ações policiais cresceu 18% no ano passado. Foram 6.160 mortes cometidas por policiais na ativa em 2018, contra 5.225 em 2017, ano em que Leandro foi uma das vítimas.

Com a demanda maior de treinos, o projeto migrou para a Casa do Povo, situada no bairro do Bom Retiro, centro de SP. O espaço, considerado um monumento vivo, é marcada por receber muitos eventos socioculturais e educativos. A casa foi fundada em 1953, pela comunidade judaica politicamente engajada e instalada do bairro após a Segunda Guerra mundial (1946), com o desejo de homenagear os que morreram em campos de concentração nazistas e criar um espaço que reunisse as mais variadas associações e propostas artísticas que tinham nascido na luta internacional contra o fascismo.

Durante a Ditadura Militar (1964-1985) a Casa se firmou como lugar de resistência cultural e política, mas mesmo sobrevivendo a essa fase, enfrentou uma crise institucional que levou ao seu declínio em 1980. Depois de duas décadas, a casa voltou à ativa nos anos 2000, com o objetivo de renovar a ideia de seus fundadores.

Hoje, é habitada por dezenas de grupos, movimentos e coletivos, sempre incentivando a diversidade entre as mais variadas práticas artísticas existentes, além de também ser um ambiente de democratização do acesso ao lazer, que coincide com os ideais do projeto. A Casa, localizada perto da ocupação, das oficinas e da favela do Moinho, conseguiu reunir todos por um motivo em comum: o boxe. Piva fala sobre a importância do projeto ter um lugar fixo de fácil acesso a todos: “Pensando sempre em levantar essa ideia do esporte popular e oferecer uma prática esportiva que seja acessível às pessoas, pensar no esporte e lazer como um direito social que se liga a tantos direitos como o de moradia, a cidade, e vários outros”, enfatiza.

Piva diz que oferecer uma prática esportiva de qualidade sempre foi a proposta inicial do projeto, agora atuante na região central de SP, pois apesar de ser o centro da cidade mais rica da América do Sul também é ocupado por pessoas que não tem privilégios econômicos e sociais, e não tem acesso ao esporte. O projeto visa diminuir o estigma de que esse direito está restrito apenas a quem pode pagar por academias privadas que são caras na região, como ele relembra.

Piva conta que, apesar de estar em um bairro na região central, há pessoas que vêm de diferentes bairros periféricos de SP e de todas as zonas, unindo pessoas que se identificam com as bandeiras levantadas pelo projeto e pela lógica de incentivo a diferentes visões. “Pensando o ambiente da academia longe de machismo, homofobia, xenofobia e formas de discriminação que às vezes acontecem com esportes de combate. A bandeira do projeto se opõe a isso, além de pensar no esporte fora da lógica mercadológica e de acesso restrito”, enfatiza.

De 2015 a 2018, o projeto funcionou apenas na base do voluntariado, desde os treinadores até quem realiza outras funções. Este ano a organização decidiu estabelecer uma mensalidade de R\$30 para os alunos e pensa em começar outros tipos de incentivo/investimento, como o início da campanha na plataforma “Apoia-se”. Piva também comenta os planos para o futuro e formas de sustentar o projeto por vias institucionais como editais e leis de incentivo ao esporte, além de parcerias com academias estrangeiras, sempre levantando a bandeira do esporte popular e acessível a todos. Outro plano é transformar o projeto em uma associação, já que ele ainda não é formalizado.

As leis de incentivo fiscais-culturais consistem em reverter parte do dinheiro que empresas e pessoas que declaram imposto de renda dão ao governo, transferindo-as para a cultura. O dinheiro, ao invés de ir diretamente para os cofres públicos com outros propósitos que não seja incentivar projetos, passa a ser utilizado para garantir que programas culturais, sociais, esportivos e de saúde não fiquem no papel e tragam benefícios para muitas pessoas e comunidades.

Dentro desse leque de incentivos estão a Lei Rouanet ou Lei do Audiovisual, e alguns editais, como o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), criado com a finalidade de apoiar financeiramente as atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões desprovidas de recursos e equipamentos culturais. E o Fomento, que se desdobra em Fomento ao teatro, Fomento à dança, entre outros. Ambos os editais ajudam a impulsionar não apenas projetos, mas coletivos e organizações que visam difundir a diversidade da cultura periférica.

Alguns programas ligados diretamente ao esporte como a Lei de Incentivo ao Esporte também é uma conquista importantes nesse processo. Sancionada em dezembro 2006, a lei ajuda esportistas e instituições a manterem os custos e a paixão.

Muitas histórias e atletas marcaram a trajetória do projeto, Kelvy é uma delas. Piva lembra quando ele começou a treinar no final de 2017, sua timidez e jeito de quem ainda estava perdido na cidade grande. Ele comenta emocionado a forma que o boxe contribuiu

para o processo de adaptação e crescimento de Kelvy, e como a autoestima e confiança dele aumentavam em cada treino.

Esse processo não foi apenas importante para sua iniciação como atleta, mas como ser humano. A partir disso ele começou a circular por diversos espaços e criar vínculos com outros lugares e pessoas, fazendo amizade com outros meninos com trajetórias parecidas com a dele. “Ele comentou comigo que até foi eleito representante de classe esse ano. Ele tem um senso de justiça forte e procura sempre ajudar os outros, eu tenho certeza que isso já estava nele, mas o boxe contribui ainda mais”, enfatiza.

A psicóloga Sandra Catarino destaca a relevância do esporte para proporcionar esse ambiente de socialização que aconteceu com Kelvy. “A prática do esporte agrega valores. Isso pode ajudar na capacidade de questionar, analisar, e buscar a verdade e justiça em vários aspectos e processos de reflexão diante das diversas situações”, ressalta. O esporte, além de melhorar a qualidade de vida física, também ajuda na saúde mental “aumentando a capacidade intelectual, da memória e do controle dos movimentos” aponta a especialista.

Apesar de ser um esporte individual, o aprendizado do boxe e de qualquer outro esporte acontece de maneira coletiva, e histórias como a de Kelvy têm muitas semelhanças com a de outros atletas revelados por meio de projetos e pessoas que foram importantes nesse processo de incentivo. Muitos desses atletas hoje se tornaram consagrados e chegaram à seleção brasileira como Jucielen Romeu que irá disputar os jogos Pan-Americanos neste ano, outros, ainda esperam uma oportunidade de brilhar.

Atualmente, a maior dedicação do projeto é para a formação de atletas, conciliando isso com a proposta de ajudar todos que pensam na prática esportiva aliada ao bem que isso faz para a saúde, desde jovens até idosos. Também pensam na prática como forma de defesa pessoal, e seguem unindo todos os propósitos pelo desejo de nunca excluir ninguém, sempre somar, enfatizando a ideia do esporte como agente transformador e inclusivo.